



A LITERATURA CONTRA A HOMOFOBIA: UMA ABORDAGEM *QUEER* DO CURRÍCULO DE LITERATURA BRASILEIRA NO ENSINO MÉDIO

Claber Borges Campos¹

Resumo: A pesquisa intitulada *Juventude e sexualidade*, publicada em 2004, revelou que 47,9% dos professores/as, da cidade de Vitória, não sabiam como abordar temas relacionados à homossexualidade na sala de aula. Demonstrou, também, que 44,9% dos alunos masculinos do ensino fundamental e médio, da mesma cidade, não gostariam de ter homossexuais como colegas de classe. Em consonância com o Programa Brasil sem Homofobia, implantado em 2004, a Secretaria da Educação do Espírito Santo, em 2009, introduziu no Conteúdo Básico Comum da Língua Portuguesa, no Ensino Médio, no terceiro ano: a literatura homoerótica, o pós-modernismo e a afirmação da diferença. A proposta deste artigo é que através de uma pedagogia *queer*, haja uma subversão do currículo de Literatura em todos os anos do ensino médio.

Palavras chave: Pedagogia *queer*. Literatura. Homofobia. Ensino.

*No matter gay, straight or bi/ Lesbian, transgendered life/
I'm on the right track, baby/ I was born to survive/
No matter black, white or beige/ Chola or orient made/
I'm on the right track, baby/ I was born to be brave*

Born This Way by Lady Gaga

“Foram documentados 266 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil no Brasil no passado, 6 a mais que em 2010, um aumento 118%, nos últimos seis anos (122 em 2007). Os gays lideram os “homicídios”: 162 (60%), seguidos de 98 travestis (37%) e 7 lésbicas (3%).” (CEPAC, acesso em 1 jun. 2012). Mais uma vez o Brasil continua no primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos. Nosso país concentrou 44% das mortes de gays do mundo. Segundo Talento, o Brasil deve continuar nesse terrível pódio, já que “nós três primeiros meses deste ano, já houve 106 assassinatos.” (TALENTO, acesso em 1 jun. 2012).

A pesquisa intitulada *Juventude e sexualidade*, publicada em 2004, computou que 47,9% dos professores/as, da cidade de Vitória, declararam que não sabiam como tratar os temas relacionados à homossexualidade nas suas aulas. Além de que 44,9% dos alunos do sexo masculino do ensino fundamental e médio não gostariam de ter

¹Bacharel em Letras Português pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Licenciado em Letras Português/Literatura pelo Centro Universitário São Camilo. Cursando a licenciatura de Língua e Literatura Inglesa (UFES). Cursando a Especialização em Ensino e Interdisciplinaridade – História e Literatura: texto e contexto (UFES). E-mail: claberborges@yahoo.com.br.

homossexuais como colegas de classe. (ABRAMOVAY, CASTRO e SILVA, apud HENRIQUES, 2007, p. 27-28).

Em consonância com os compromissos assumidos pelo Programa Brasil sem Homofobia, sendo um deles a elaboração de “diretrizes que orientem os Sistemas de Ensino na implementação de ações que comprovem o respeito ao cidadão e a não-discriminação [sic] por orientação sexual [e por identidade de gênero]” (BRASIL/CNCD, apud HENRIQUES, 2007, p. 24), a Secretaria da Educação do Espírito Santo promoveu mudanças significativas no currículo escolar que passaram a vigorar em 2009. Uma das mais importantes foi a introdução de três tópicos no Conteúdo Básico Comum da Língua Portuguesa, no Ensino Médio, no terceiro ano: “a literatura homoerótica, o pós-modernismo e a afirmação da diferença”. (SPERANDIO, 2009, p. 75, acesso em 30 mai. 2012)

Entretanto, apesar desse grande avanço para os LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros), ainda é uma atitude muito tímida se for considerado os percentuais já citados. Por que só tratar a diferença sexual no terceiro ano do ensino médio? Por que não desde o primeiro ano? Este artigo gostaria de apresentar uma proposta na qual os alunos teriam contato com as diferenças sexuais construídas nos períodos da Literatura Brasileira, durante os três anos do ensino médio. Isso é possível, porque os docentes possuem liberdade para escolher o material literário com que trabalharão no ano letivo. E mesmo se a matéria Língua Portuguesa estiver em um projeto educacional ou interdisciplinar, sempre há a possibilidade — ou até uma necessidade — desse tema ser introduzido em qualquer projeto. Para que isso aconteça, seria necessário que o professor estivesse familiarizado com a pedagogia *queer*. Há várias publicações em português sobre essa nova forma de olhar o currículo pré-estabelecido. A seguir algumas sugestões de publicações ou artigos sobre a pedagogia *queer*: o artigo *Subvertendo o Cânone: Literatura Gay e Lésbica no Currículo*, de Rick Santos; e os livros *Um Corpo Estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*, de Guacira Lopes Louro; *Corpo e Cultura*, dos organizadores Bernadette Lyra e Wilton Garcia; *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*, organizado por Rogério Diniz Junqueira; e para finalizar *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil*, de Lúcia Facco. Este artigo fará uma breve introdução sobre a pedagogia *queer* e suas premissas básicas. Além, do significado de homofobia. Depois (baseado no novo currículo do ensino médio do Espírito Santo), apresentará uma sugestão do autor para que se incluam

os estudos sobre as diferenças sexuais durante todo o ensino médio usando como referência obras da Literatura Brasileira. E por fim, uma bibliografia será indicada, além das previamente citadas, no intuito de uma atualização do educador sem que esse dependa de um curso específico de formação inicial ou continuada na área da sexualidade; embora um curso com essas especificações seja sempre bem-vindo.

Inicialmente, se faz necessário definir o adjetivo *queer*: “**1** *tabu* uma palavra ofensiva usada para descrever aquele que é homossexual, especialmente o homem. Não use essa palavra. **2** *tradicionalmente* estranho ou difícil de explicar.” (SUMMERS, 2008, p. 1342, tradução nossa). A teoria *queer* estabelece que a orientação sexual, a identidade sexual e o gênero dos indivíduos são construções sociais. Sendo assim, não há papéis sexuais essenciais, ou biologicamente inscritos na natureza humana. Mas o que existe são formas diferentes de exercê-los. E nada impede que um ser humano tenha apenas um único papel, ou que desempenha livremente várias personagens. (TEORIA QUEER, acesso em 17 mai. 2010). Em 1981, apareceram as primeiras noções da teoria *queer* na educação. Foi no artigo escrito por William F. Pinar intitulado *Understanding Curriculum as Gender Text* (Entendendo o currículo como um texto com gênero). Era uma crítica ao machismo e a masculinidade presentes na teoria educacional Marxista. O termo pedagogia *queer* surgiu no artigo *Queer Pedagogy: Praxis makes Im/Perfect* (Pedagogia *queer*: A Práxis faz o Im/Perfeito) em 1993, escrito por Mary Bryson e Suzanne de Castell. (QUEER PEDAGOGY, acesso em 17 mai. 2010). No Brasil, uma das precursoras nos estudos da teoria e pedagogia *queer* é doutora em educação Guacira Lopes Louro. Ela fundou o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) da UFRGS, em 1990, onde continua atuando como pesquisadora. Segundo Louro:

Uma pedagogia e um currículo queer se distinguiriam de programas multiculturais bem-intencionados, em que as diferenças (de gênero, sexuais ou étnicas) são toleradas ou são apreciadas como curiosidades exóticas. Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam, centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o “outro” é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro. A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito, e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito: ela estaria *dentro*, integrando e constituindo o eu. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito. Ao se dirigir para os processos que produzem as diferenças, o currículo passaria a exigir que se prestasse atenção ao jogo político aí implicado: em vez de meramente contemplar uma sociedade plural, seria imprescindível dar-se conta das disputas, das negociações e dos conflitos constitutivos das posições que os sujeitos ocupam. (LOURO, 2004, p.48-49).

Faz-se necessário uma explicação do que é homofobia. Portanto, recorrerei à explicação de Toni Reis no seu artigo *Educação e Diversidade Sexual*:

A homofobia se caracteriza como uma atitude hostil que marca a orientação sexual homossexual como sendo invertida, inferior ou anormal, e segundo a qual as pessoas com práticas homossexuais seriam pecadoras, delinquentes ou doentes, podendo às vezes esta hostilidade chegar ao extremo de resultar no assassinato de pessoas que são homossexuais, ou que são percebidas como tal.

A homofobia pode se expressar em diferentes formas de violência física ou verbal contra as pessoas homossexuais, na sua exclusão estrutural e institucional e na restrição de seu acesso a direitos, espaços e reconhecimento. Em sua forma mais explícita, a homofobia inclui diferentes formas ativas de violência física ou verbal e vitimização; em sua forma mais sutil, a rejeição silenciosa de homossexuais.

(GALÁN et AL, 2007, apud REIS, 2011, p. 108).

A seguir, uma sugestão de como abordar pela pedagogia *queer* os três anos do ensino médio no tópico Eixo Cultura, Sociedade e Educação, no Conteúdo Básico Comum da Língua Portuguesa. No primeiro ano, “A literatura dos viajantes e a literatura informativa” sobre o Brasil (SPERANDIO, 2009, p. 72, acesso em 30 mai. 2012) pode ter como bibliografia básica os seguintes capítulos dos livros: TREVISAN, João Silvério. O Brasil visto da lua. In:_____. **Devassos no Paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 63-106; FIGARI, Carlos. Trópico e subordinação [e] As práticas homoeróticas em São Sebastião do Rio de Janeiro nos séculos XVII e XVIII. In:_____. **@s outr@s cariocas – Interpelações, experiências homoeróticas no Rio de Janeiro séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. p. 26-133. Em Trevisan, que é a primeira parte do livro dividida em três capítulos há, por exemplo, a seguinte passagem: “Carl Von Martius relatou, entre os índios guaicurus, a existência dos chamados *cludinas*, homens castrados, segundo ele, “que se vestem como mulheres e se entregam exclusivamente a ocupações femininas como: fiar, tecer, fabricar potes etc.”” (TREVISAN, 2002, p. 66). A partir dessas leituras, o professor pode disponibilizar fragmentos ou todo o texto para os alunos lerem e compararem com as informações do livro didático. E depois, promover debates, ou solicitar trabalhos escritos com as diferenças que cada aluno achou significante. Sempre na busca de diferentes leituras das que já são estabelecidas. O mesmo pode ser feito com Figari, mas no contexto urbano: “Tive oportunidade de assistir a uma comédia burguesa, plena de obscenidades, onde muitos monges e amáveis penitentes apareciam de mãos dadas. Isso não chegou a causar-me espanto, já que estava de acordo com o comportamento geral da colônia” (LA FLOTTE [1757], apud FIGARI, 2007, p. 82).

No segundo ano, a estratégia poderia ser a leitura de obras canônicas com um olhar *queer*, no quesito: “Contexto histórico do Realismo/Naturalismo/Parnasianismo europeu e brasileiro. Ética e Moral na literatura realista/naturalista”. (SPERANDIO, 2009, p. 73, acesso em 30 mai. 2012). Há várias obras do período do realismo com

potencial para múltiplas interpretações e abordagens. Em *Píldades e Orestes*, conto de Machado de Assis, um professor de Língua e Literatura Latina da UFMG comenta que há uma “presença sutil do homoerotismo [...], esse tema se reveste de importantes desdobramentos” (TREVIZAM, 2007, p. 168, acesso 25 mai. 2012). No que se refere ao romance *Dom Casmurro*, também de Machado de Assis, já há estudos com o recorte *queer*, ou homoerótico. “Bento não percebe que, ao acusar Capitu, ele nega o próprio amor homossexual por Escobar. A partir deste conflito passa a ser perseguido pela ideia de traição, iniciando a fase do ciúme delirante.” (FREITAS, 2008, p. 134). Um segundo estudo, de outro profissional da área psíquica, relata:

Não havia lugar para a homoafetividade. Ou melhor, só havia lugar pra a homoafetividade na homossexualidade. O afeto entre homens era tachado categórica e maciçamente de homossexualidade e a seguir proibido e atacado.

Por isso na história de Bentinho e Escobar existe o tempo todo a questão: é homoafetividade que está sendo praticada com muitas limitações, ou é uma homossexualidade latente? É uma das grandes interrogações do romance. A dúvida não diz respeito somente ao fato de ter havido adultério ou não ou ao fato de Ezequiel ser ou não filho de Escobar. Isso no que concerne a Capitu e a Escobar. Mas e da parte de Escobar e Bentinho? Essa é a outra grande interrogação do livro, que tem sido pouco enfatizada.

Ao descrever aquela homoafetividade, o autor desafia o leitor — sobretudo o leitor homem machista — a identificar Bentinho como homossexual. O jogo que permeia a obra revela um dado cultural.

(BYINGTON, 2008, p. 27).

Finalizando, essa breve bibliografia sobre *Dom Casmurro*, será apresentado um trecho de um artigo escrito por um jornalista e escritor:

E há uma atração mútua entre esses dois rapazes [Bentinho e Escobar]. “Escobar gostava de mim mais que os rapazes e os padres.” Quer dizer, no seminário eram só os dois, os outros nem dialogavam com eles. Quando ele se despede do Escobar, quando o Escobar vai fazer uma visita a ele – esse é um trecho que eu acho que até merece a gente citar: “Escobar despediu-se logo depois de jantar; fui levá-lo à porta, onde esperamos a passagem de um ônibus. Disse-me que o armazém do correspondente era na Rua dos Pescadores, e ficava aberto até as nove horas; ele é que se não queria demorar fora. Separamo-nos com muito afeto: ele, de dentro do ônibus, ainda, me disse adeus, com a mão. Conservei-me à porta, a ver se, ao longe, ainda olharia para trás, mas não olhou.” Nesse momento, chega Capitu e pergunta: “Que amigo é esse tamanho?” Isso aqui é uma cena-chave do livro. Traduz a admiração, digamos assim, que Bentinho tem por Escobar, e que Capitu passa a ter... Bentinho não pode culpá-la por isso.

Aí vem outra pergunta que para mim é tão importante quanto “Capitu traiu ou não?": Escobar se suicidou ou não? Não pode ter sido suicídio?

(PIZA, 2008, p. 37).

Sobre *O Ateneu*, romance de Raul Pompéia, há um artigo, escrito por dois sociólogos que merece ser citado:

O Ateneu permite acessar como certas relações entre jovens se desenrolavam e as categorizações sócias acionadas para as compreender. Um ponto alto da narrativa é quando se explicita a aversão dirigidas a elas. Trata-se do momento em que a relação entre Sérgio e Bento Alves é abalada pelo caso Cândido, e depois, se transforma consideravelmente. Vemos em formação, o que foi chamado por Sedgwick de homofobia [Segundo Rogério Diniz Junqueira (2007), a heteronormatividade e a matriz, fonte que gera e justifica o preconceito, a discriminação e a violência envolvidas nas expressões de homofobia, as quais costumam se dirigir contra pessoas cujas expressões de gênero não se enquadram nas normas.]. A recusa subjetiva do desejo homoerótico que marcou as relações entre Sérgio e Bento Alves – assim como a anterior com Sanches – por meio da incorporação do desprezo social perante sua manifestação. A

compreensão do erotismo entre homens como o reino impuro e do abjeto leva os que vivenciam a interpretarem sua amizade como “uma situação prolongada de vexame”, como um “sacrifício” até a relação terminar de forma violenta, em um ataque violento de Bento contra Sérgio, aquele por quem nutria desejo e, após o caso Cândida, encarnava a temida abjeção (Pompeia, O Ateneu, p. 66).

(MISKOLCI; BALIEIRO, 2011, p. 80, acesso em 30 mai. 2012).

Encerrando as sugestões do segundo ano do Ensino Médio, não poderia faltar a grande obra do naturalismo é *Bom Crioulo*, que é um romance de Adolfo Caminha. O artigo, a seguir, foi escrito por um doutorando em Letras. No seu excerto é possível encontrar referências a outras duas obras:

Nas capas das traduções para o espanhol e o francês, ambas com fotos de Pierre Verger, etnólogo e fotógrafo francês radicado em Salvador, Bahia, além de uma autoridade do Candomblé, a figura correspondente ao personagem Aleixo foi como que apagado, desprezando, assim, os seus traços andróginos para valorizar o perfil latino, negro e viril de Amaro, o bom-crioulo, anunciando a expectativa com as personagens de uma literatura gay made in Brazil. Nas fotografias de Verger os corpos apolíneos estão destacados a partir de um jogo entre luz e sombra que marca de certa sensualidade a pele masculina. Não foi por acaso, certamente, que os editores das traduções citadas escolheram as fotos de Verger, que era estrangeiro e gay, o que agrega valor às traduções, sobretudo no caso daquelas publicadas por editoras voltadas ao chamado público GLS. Ainda a respeito da tradução francesa, o título *Rue de La Miséricorde*, com o subtítulo *Bom-crioulo*, em português, dá destaque ao espaço urbano da trama e em especial à rua onde os dois marinheiros se encontravam e onde também teve origem o triângulo amoroso cuja ponta feminina era dona Carolina. Vale lembrar também que ao dar este título ao romance, a tradução francesa coloca em evidência a relação do texto de Caminha com um outro de Eça de Queirós: *O crime do Padre Amaro*, que se passa numa rua homônima e, assim, já aponta para o fim trágico das personagens, sobretudo se procurarmos conhecer o que significava aquela rua na malha urbana carioca no final do século XIX.

(BEZERRA, 2006, p. 25, acesso em 30 mai. 2012).

Esses textos com conteúdos homoeróticos, velados ou não, podem ser apreciados sem preconceitos. Isso resultaria numa melhor compreensão do início da homofobia e da heteronormatividade. Abalando, como consequência, a leitura dominante e excludente desde o final do século XIX que disciplinou e regularizou a família, as práticas sexuais e as sexualidades.

E por fim, no terceiro ano, haveria uma análise mais específica do item: “Literatura homoerótica, Pós-modernismo e a afirmação da diferença”. (SPERANDIO, 2009, p. 75, acesso 30 mai. 2012) Para a *Literatura homoerótica* o livro de contos *A Meta*, de Darcy Penteadado, é muito apropriado, porque os contos são curtos e instigantes. Com relação ao Pós-modernismo, os contos recomendados seriam: *Aqueles dois*, de Caio Fernando Abreu; e *Dois corpos que caem*, de João Silvério Trevisan. E para a *Afirmação da Diferença*, o livro adequado seria: *Crônicas de um gay assumido*, de Luiz Mott. Nesse ponto, alunos e professores já estariam com conhecimentos suficientes para trabalhar com textos, claramente, homoeróticos e escritos por gays. Possibilitando uma contextualização mais profunda e motivando questionamentos atuais.

Como forma de reciclar o educador que deseje se aprofundar na pedagogia *queer* há algumas recomendações. Para ampliar as opções de obras literárias brasileiras, que permitam uma leitura homoerótica, a indicação seria o artigo *Uma historia brasileira*, de Denilson Lopes, presente no livro *O homem que amava rapazes*, do mesmo autor. Ele faz um levantamento considerável da homotextualidade brasileira. Outra opção é o livro *Literatura e Homoerotismo em questão*, de José Carlos Barcellos, disponível no endereço: http://www.dialogarts.uerj.br/emquestao/lit_e_homo.pdf. No livro *Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade*, há algumas bibliografias que ajudarão a encontrar produções sobre a homossexualidade. O primeiro é o “*site* Bilio-homo: bibliografia e biblioteca sobre a homossexualidade no Brasil, organizado por Luís Mott, Laffayette Alvares e Daniel Rodrigues, disponível em: <http://bibliohomo.marccelus.com>.” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 123-124). O segundo *site* é uma coleção de materiais sobre a homossexualidade a partir do Arquivo Edgar Leuenroth. “[disponível em] <http://www.ifch.unicamp.br/ael>.” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 124). E por último, “para se informar sobre homofobia, indicamos o *site* <http://homofobia.com.sapo.pt>.” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 125). Para finalizar, pode ser feita uma pesquisa no Google Acadêmico, ou no site do Scielo Brasil, em <http://www.scielo.br/?lng=pt>, usando as palavras chaves “literatura” e “homossexualidade” ou “homoerotismo”, que resultará um vasto material para atualização. O mesmo procedimento pode ser utilizado para a aprendizagem da pedagogia *queer*.

Concluindo, a pedagogia *queer* não serve apenas para a Literatura, ou para diminuição da discriminação e intolerância. Ela deveria ser utilizada pelo educador que queira ser reflexivo e crítico. Porque a proposta básica dessa metodologia é a desconstrução do saber preestabelecido para adequá-lo às necessidades atuais do corpo discente e da sociedade. Para finalizar esse artigo, de maneira *queer*, uma provocação reflexiva será apresentada. Foi publicada no site da SEDU, em 27/05/2010, a notícia: “‘Julgamento de Capitu’ é encenado por alunos da Escola Estadual Álvaro Castelo em Brejetuba” (IANA, acesso em 28 mai. 2010). Não parece um paradoxo que a mesma secretaria de educação, que promoveu uma mudança inclusiva no currículo escolar, celebre uma discussão que nos meios acadêmicos já foi descartada por ser irrelevante, além de machista e preconceituosa?

Referências bibliográficas

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Dom Casmurro no divã – Um estudo da psicologia simbólica junguiana. In: VIEIRA, Silvia Marta (Prod. Editorial). **Capitu: Minissérie de Luiz Fernando Carvalho**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 19-29.

CEPAC. **Assassinato de homossexuais no Brasil: Relatório 2011**. Disponível em: <http://www.cepac.org.br/blog/?p=532>. Acesso em: 1 jun. 2012.

FIGARI, Carlos. As práticas homoeróticas em São Sebastião do Rio de Janeiro nos séculos XVII e XVIII. In: _____. **@s outr@s cariocas – Interpelações, experiências homoeróticas no Rio de Janeiro séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. p. 51-133.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. *Eu não amo: é ela que o ama!*. In: SCHPREJER, Alberto. **Quem é Capitu?**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 127-138.

HENRIQUES, Ricardo. et al. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: Secad/MEC, 2007. v. 4.

IANA, Kárita. **‘Julgamento de Capitu’ é encenado por alunos da Escola Estadual Álvaro Castelo em Brejetuba**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/politica/4896635/julgamento-de-capitu-e-encenado-por-alunos-da-escola-estadual-alvaro-castelo-em-brejetuba>. Acesso em: 28 mai. 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 48-49.

MISKLOCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. O Drama público de Raul Pompéia: Sexualidade e política no Brasil finissecular. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 26, n. 75. São Paulo. Fev.2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v26n75/04.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2012.

PIZA, Daniel. Dom Casmurro, um enredo de ópera. In: VIEIRA, Silvia Marta (Prod. Editorial). **Capitu: Minissérie de Luiz Fernando Carvalho**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008. p. 31-39.

PRADO, Marco; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 123-125.

QUEER PEDAGOGY. In: **Wikipedia, The Free Encyclopedia**. Disponível em: http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Queer_Pedagogy&oldid=355284870. Acesso em: 17 mai. 2010.

QUEER. In: SUMMERS, Della. **Longman dictionary of contemporary English**. England: Pearson Education Limited. p. 1342.

REIS, Toni. Educação e Diversidade Sexual. In: MENDONÇA, Christovan de (Org.). MOURA, Menderson Rezende (Org.), BERMUDEZ, Fernanda Emília J. (Org.). **2º Caderno de trabalhos do 2º Seminário Estadual de Educação e Diversidade**

Sexual: Por uma nova proposta pedagógica. Cariacica (ES). 2º Edição, 2011. p. 105-111.

SPERANDIO, Adriana. **Ensino médio: Volume 01 — área de Linguagens e Códigos.** Vitória: SEDU, 2009. v. 1. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/60360141/SEDU-Curriculo-Basico-Escola-Estadual#outer_page_607. Acesso em: 30 mai. 2012. p. 72-75.

TEORIA QUEER. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre.** Disponível em: http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Teoria_queer&oldid=20394842. Acesso em: 17 mai. 2010.

TALENTO, Aguirre. **Assassinatos de homossexuais batem recorde em 2011, diz entidade.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1071307-assassinatos-de-homossexuais-batem-recorde-em-2011-diz-entidade.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2012.

TREVISAN, João Silvério. O Brasil visto da lua. In: _____. **Devassos no Paraíso – A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.** 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 63-106.

TREVIZAM, Matheus. Palimpsesto erótico: ecos da literatura precedente e a expressão do proibido no conto “Pílades e Orestes”, de Machado de Assis. In: SERELLE, Márcio (Org.); AGUIAR, Melânia Silva de (Org.); MOREIRA, Terezinha Taborda (Org.). **Scripta Literatura.** Belo Horizonte: PUC Minas, 2º sem. 2007, v. 11, n. 21, p. 161-174. Disponível em: http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta21/Conteudo/N21_Completa.pdf#page=160. Acesso em 25 mai. 2012.